



OS SABERES DA CERIMÔNIA DO BATISMO MBYÁ QUE POSSIBILITAM A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA DAS DANÇAS INDÍGENAS DA ESCOLA

DUARTE, Cátia Pereira¹
PIRES, Paula da Silva²
GRANDO, Beleni Salete³

Resumo

A partir das leis governamentais de 2008 para valorizar o respeito à diversidade das culturas brasileiras, professores procuram conhecer o patrimônio material e imaterial dos indígenas a fim de reconstruir suas práticas pedagógicas. Com estímulo das pró-reitorias de Pesquisa, Ensino, Extensão e Comunicação, a realidade de professores de Educação Física do Colégio de Aplicação João XXIII é incomum e é deste lugar que queremos descrever o que aprendemos com os guarani Mbyá da aldeia de Araponga, durante sua cerimônia de batismo, realizada em janeiro de 2019.

Palavras-chave: Cerimônias Indígenas. Interculturalidade. Dança Escolar.

Abstract

Based on the governmental laws of 2008 to value respect for the diversity of Brazilian cultures, teachers seek to know the material and immaterial heritage of indigenous people in order to reconstruct their pedagogical practices. With the encouragement of the Research, Teaching, Extension and Communication pro-rectors, the reality of Physical Education teachers at the John XXIII College of Application is unusual and it is from this place that we want to describe what we have learned from the Mbyá Guarani from the village of Araponga, during his baptism ceremony, held in January 2019.

Keywords: Indigenous Ceremonies. Interculturality. School Dance.

Resumen

A partir de las leyes gubernamentales de 2008 para valorar el respeto a la diversidad de las culturas brasileñas, los profesores buscan conocer el patrimonio material e inmaterial de los indígenas a fin de reconstruir sus prácticas pedagógicas. Con el estímulo de las pro-rectorías de Investigación, Enseñanza, Extensión y Comunicación, la realidad de profesores de Educación Física del Colegio de Aplicación João XXIII es inusual y es de este lugar que queremos describir lo que aprendemos con los guarani Mbyá de la aldea de Araponga, durante su ceremonia de bautismo, celebrada en enero de 2019.

Palabras clave: Ceremonias Indígenas. Interculturalidad. Danza Escolar.

¹ Profa. Dra. de Educação Física no Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Acadêmica de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

³ Profa. Dra. de Educação Física na Faculdade de Educação Física e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso.



Introdução

O etnocentrismo estabelece uma hierarquia etnicorracial, que organiza as relações sociais, políticas e culturais do mundo a partir do homem ocidental, cristão, heterossexual e bem sucedido financeiramente. Essa concepção epistemológica legitimou o empreendimento colonial e se articulou em torno de três mitos: indígenas eram animais; depois selvagens, por fim subdesenvolvidos que precisavam ser integrados à modernidade capitalista (MARÍN, 2017). Para superar o monoculturalismo e o multiculturalismo acadêmicos, que tentam analisar a modernidade capitalista, escolhemos a interculturalidade a partir dos movimentos sociais que reconhecem o sentido e a identidade cultural de cada grupo social, valorizando o potencial educativo dos conflitos para buscar a reciprocidade⁴ entre grupos como fator de crescimento cultural (FLEURI, 1998).

Do ponto de vista histórico, Martins (2005) comenta que os sistemas de dádivas ou reciprocidades predominantes – dar, receber e retribuir- não fundam experiências democráticas, mas hierárquicas e verticalizadas que visam a perspectiva da justiça social. Como esta afirmação é válida para explicar o funcionamento das sociedades tradicionais, ela pode ser válida para pensarmos a organização das instituições modernas, pois sociedade e indivíduo são modos de manifestação do fato social total, ou seja, possibilidades fenomenais que se engendram incessantemente por meio de um *continuum* de interrelações.

Por meio da etnografia na comunidade com quarenta indígenas Guarani Mbyá da aldeia Araponga⁵, utilizamos relatos de campo e entrevistas para seguir os procedimentos de análise da Antropologia Social⁶, para responder as questões: Como acontece a cerimônia do batismo Mbyá? Como estes saberes colaboram com as danças tradicionais das aulas de Educação Física?

⁴ Reciprocidade, dádiva ou dom tradicional, estudada por Mauss (1950).

⁵ Estes indígenas tem idades entre seis meses de vida a 98 anos; na maioria são casais, de ambos os sexos.

⁶ Na Antropologia Social não se valoriza somente a natureza da sociedade que se apresenta simbolicamente em seus costumes, mas se aceita que as condutas individuais normais são os elementos a partir dos quais um sistema simbólico que, por ser coletivo, constrói-se.



Dos caminhos da inquietação

Entre buracos e pedras na estreita e longa estrada de terra do distrito Patrimônio à aldeia, fomos recebidos com afeto no sopé do Morro da Forquilha, no Parque Nacional da Serra da Bocaina – Paraty. As casas são de pau a pique, sem janelas, com telhado de palha, chão de terra e com energia elétrica, vindas de gerados de bateria de carro, somente na *opy*⁷. A maioria dos adultos fala português, mas usam o guarani na maior parte do tempo. Após o aval do Cacique Agostinho, demos início a conversas com os membros da comunidade sobre a cerimônia do batismo, assumindo compromissos com as guerreiras: preparação da farinha após moer o milho que os guerreiros buscaram na plantação. O modo de ser Mbyá vem com o tempo e exige que o indivíduo compreenda sua relação social, natural e sobrenatural (BAPTISTA, 2002), para trocar seu *mborã*⁸, princípio básico de sua cultura.

Durante o dia, os rapazes se reúnem para fazer a coleta do mel na floresta. Devido ao perigo de serem picados pelas abelhas eles vão agasalhados. Esse ano, não foi recolhido mel suficiente para fazer *kaguijy*⁹ por conta das dificuldades de acesso às árvores mais altas. As mulheres ficam encarregadas de preparar o *mbojape*¹⁰, comida durante o ritual. O processo inicia com o debulhar do milho e sua transformação em farinha, tarefa cuidadosamente peneirada pela pajé Marciana.

A cerimônia do batismo foi conduzida pelo vice-cacique Nino, pelo cacique Agostinho e pela pajé acima citada. A todo o momento o cachimbo passa de mão em mão, com fumo plantado na aldeia e fumado sem tragar. Durante o ritual xamânico para retirar dores ou más energias, a fumaça é soprada na cabeça da pessoa, pois assim seu deus poderá curar os males. A festa se caracteriza pela revelação dos nomes¹¹ das crianças como presentes a principal divindade,

⁷ Casa de reza ou cerimônia.

⁸ Reciprocidade.

⁹ Bebida que resulta do milho mascado por meninas pré-púberes que o preparam para fermentação misturada com água. Tem o objetivo de manter o corpo limpo.

¹⁰ Bolo de milho cozinhado nas cinzas da fogueira.

¹¹ Os visitantes recebem nomes de acordo com suas características de personalidade. Ao falar que gosta de vento, o nome se remeterá à liberdade, ou seja, vento bom ou Yvyto.



Nhanderu. As mães dos meninos levam para a *opy* um símbolo masculino (flecha) e as mães das meninas levam símbolo feminino (*mbojape*).

Para não-indígenas participarem da festa, devem estar descalços, sem perfumes, repelentes ou maquiagem. No interior, há espaço reservado para as mulheres e outro para os homens, que devem ficar separados. O cacique e sua família ficavam ao lado do altar, em uma área separada. O batismo conta com a celebração das entidades espirituais em uma noite de cantos, músicas e danças. No âmbito das práticas de controle do fluxo de saberes, é possível afirmar que os Mbyá entendem o conhecimento como capacidade de saber e fazer determinadas coisas, bem como capacidade de saber cuidar dessas coisas, pessoas e lugares. Quando as moças cantam forte, agudo, afinadas para produzir um som bonito, elas colaboram para os seres se aproximarem das divindades, pois o que os deuses não falam, os xamãs cantam. Por meio de instrumentos como o *mbaraká*, *mbaraká miri*, *angu'apu* e *ravé*¹², os músicos invocam saúde fortalecendo seus pertencimentos em prol da identidade guarani. Mais que ser indígena, homem, mulher, criança, idoso, gordo, magro, guerreiro, parteira etc, a identidade se dá na intersecção de diferentes características que empoderam o sujeito enquanto auto identificação indígena (PESSOA, 2017).

Durante a dança do Xondaro, os guerreiros ficam em círculo e cantando. A movimentação anti-horária e os movimentos simulam ataques de animais, de inimigos e catástrofes ambientais, numa sequência de saltos, escapadas e corridas. Um dos participantes segura um bastão e desafia os demais integrantes. Durante a dança do Tangará, as guerreiras resgatam movimentos de aves e outros animais para fortalecer o espírito que cada mulher ou menina da aldeia tem. Em duas fileiras opostas, elas trocam de lugar, giram em torno de si e fazem marcações ritmadas com o pé direito. Em síntese, podemos afirmar que eles dançam para mostrar a força e a resistência de seu povo originário, buscando proteção dos espíritos dos indígenas e não-indígenas. Na experiência, não observamos prioritariamente as pessoas e as estruturas, mas o que circulou entre elas a favor do vínculo social, dos

¹² Violão, chocalho, tambor e violino, respectivamente.



bens materiais e simbólicos de essa sociedade dispôs para reproduzir sua cultura (MARTINS, 2005).

Considerações finais

Após conhecer as marcas identitárias dos guarani, o que devemos trabalhar nas aulas de dança tradicionais indígenas da Educação Física escolar? Sendo a dança uma das práticas que aprisiona ou cria movimentos, focaremos na segunda opção porque queremos aprender os sentidos, os significados e os valores que permeiam a cerimônia para então reinventar as danças a partir das intervenções dos nossos alunos e alunas.

As relações de poder, ideologias e o fortalecimento desta ou daquela cultura determinam questões como a seleção dos conteúdos, as formas de aprendizagem e a avaliação do conhecimento no processo de elaboração curricular. Assim, temos desconstruído preconceitos e discriminações, questionando o caráter monocultural e o etnocentrismo presentes naquilo que conhecemos nas danças; articulado igualdade x desigualdade e diferença x semelhança nas práticas rítmicas, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural de músicas, cantos e expressões corporais; resgatado códigos identitários de cada grupo evitando uma visão de culturas como universos fechados e autêntico ou genuíno, mas pensando estratégias nos processos de formação e de ensino; promovido saberes a partir de experiências de interação entre alunos dos 3os anos do Ensino médio, que participam do projeto coletivo, e os guarani da região de Paraty (CANDAU, 2012).

A festa permite um sistema de reciprocidades de caráter interpessoal que quebra a dicotomia de dar e pagar, comum nas relações mercantis, para introduzir a ideia de dar-receber e retribuir acionado pelo *mana*¹³. Este bem comum, a cultura, nem sempre representa a identidade coletiva em detrimento da individual, mas quer evidenciar que a moral individual tem que ser compatível com a sobrevivência do

¹³ Força do bem simbólico (MARTINS, 2005).



coletivo democrático, ensinamento fundamental para pensar o que, como, pra que falar de danças tradicionais na escola pública.

Referências

BAPTISTA, Marcela Meneghetti. **O Mbyá Reko (modo de ser Guarani) e as políticas públicas na região metropolitana de Porto Alegre**: uma discussão sobre o etnodesenvolvimento. 2011. 172 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural. Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Didática crítica intercultural**: aproximações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FLEURI, Reinaldo Matias (org.). **Intercultura e Movimentos Sociais**. Florianópolis: MOVER/NUP, 1998.

MARÍN, José. Eurocentrismo, el racismo y interculturalidad em el contexto de la globalización. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 26, n. 62/2, p. 477-491, maio-ago 2017.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 73, p. 45-66, 2005.

MAUSS, Marcel. Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques. In: MAUSS, M. **Sociologie et anthropologie**, Paris, PUF, 1997 [1950].

PESSOA, Jair de Moraes. Saberes e culturas populares nas contradições da culturalização da sociedade. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 26, n. 62/2, p. 493-508, maio-ago 2017.